

EDITORIAL

POR QUE “GUARDAR”¹ NO “RELICÁRIO DE MEMÓRIAS”, O PASSADO SEMPRE PRESENTE DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO DA REGIÃO SUL?

IS THERE A REASON ON “KEEPING” A “RELIQUARY” FULL OF PAST MEMORIES AND ITS PRESENCE ON THE PEDAGOGICAL THINKING ABOUT SOUTHERN BRAZIL?

¿POR QUÉ “GUARDAR” EN LO “RELICARIO DE RECUERDOS”, EL PASADO SIEMPRE PRESENTE DEL PENSAMIENTO PEDAGÓGICO DE LA REGIÓN SUR?



Maurício Roberto da Silva
mauransilva@gmail.com

Ivo Dickmann
educador.ivo@unochapeco.edu.br

Maria de Lourdes Bernartt
marialbernartt@gmail.com

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UnoChapécó | ISSN 1984-1566
Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: SILVA, M. R.; DICKMANN, I.; BERNARTT, M. L.
Por que “guardar” no “relicário de memórias”, o passado sempre presente do pensamento pedagógico da região sul?. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 18, n. 37, p. 04-14, jan./abr. 2016.



*Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.
Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro
Do que um pássaro sem vôos.
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarde um poema:
Por isso o lance do poema:
Por guardar-se o que se quer guardar.
(Poema “Guardar” de Antonio Cícero)²*

¹ CÍCERO, Antonio. **Guardar**. Portugal: Quasi, 2002, p. 11.

² CÍCERO, Antonio. **Guardar**. Portugal: Quasi, 2002, p. 11.

³ BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 30.

⁴ CÍCERO, Antonio. **Guardar**. Portugal: Quasi, 2002, p.11.

⁵ SAID, Edward W. **Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁶ SILVA JÚNIOR, Celestino Alves. O sociólogo da mudança e o militante da transformação. In: D'INCAO, Maria Angela (Org.). **O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987.

1. POR QUE “GUARDAR” AS MEMÓRIAS?

Na esteira do dossiê da edição passada, damos continuidade nesta edição ao projeto editorial “Pensamento Pedagógico da Região Sul: biografias, autobiografias, legados e contributos para a educação brasileira”. No número anterior, a Revista Pedagógica se colocou como uma “guardiã do relicário de memórias”, trazendo para debate e reflexão as (auto) biografias de intelectuais, como: Joana Paulin Romanowski, Acácia Zeneida Kuenzer, Balduino Antonio Andreola, Ari Janstsch, (biografado por Natacha Eugenia Janata), Attico Chassot, Leda Scheibe (biografado por Marilda Pasqual Schneider), Paulo Meksenas (biografado por Jéferson Silveira Dantas), Hilário Henrique Dick, Maria Isabel da Cunha e Nadir Zago.

Fizemos isso, movidos pelas ideias contidas na epígrafe de Norberto Bobbio, ao nos advertir que: “além dos afetos que alimentamos a nossa riqueza são os pensamentos que pensamos as ações que cumprimos *as lembranças que conservamos e não deixamos apagar e das quais somos o único guardião*”. *Que nos seja permitido viver enquanto as lembranças não nos abandonarem e, enquanto, de nossa parte, pudermos nos entregar a elas*³. Portanto, é nessa perspectiva que celebramos essa edição com o poema “Guardar” de Antonio Cícero, evocado na epígrafe que abre esse editorial.

De fato, “guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la”, pois “em cofre não se guarda coisa alguma, em cofre perde-se a coisa à vista”⁴. Guardar as memórias num cofre ou num baú, não é a mesma coisa de guardá-las num relicário repletos de ideias e pensamentos em movimento na história. Um cofre poderia ter a conotação de trancafiar coisas materiais, dinheiro, joias caras, testamentos de propriedades privadas. Também um baú poderia dar à impressão de guardar “coisas” usadas e “velhas”, precisando de reparos e reformas. Mas, pelo contrário, o relicário, quando se trata de memórias de intelectuais, o que está em jogo são os legados epistemológicos, ontológicos e ideológicos, deixados por esses sujeitos, no intuito de se construir elementos de reflexão para o pensamento pedagógico de forma multi, inter e transdisciplinar; construir um pensamento pedagógico de caráter emancipatório. Aliás, cabe destacar, que as (auto) biografias, dão-nos pistas para entender o papel dos intelectuais na universidade. Nesse sentido, vale lembrar que “uma das tarefas do intelectual reside no esforço em derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação”⁵. Em suma, o intelectual deve ter compromissos com a sociedade, a ciência e a política. Tudo isso deve ter como premissa a produção do conhecimento original, o que implicaria expansão da pesquisa e formação de um horizonte intelectual crítico, tendo em vista a análise da sociedade brasileira e da civilização moderna⁶.



⁷ BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.30.

⁸ CÍCERO, Antonio. **Guardar**. Portugal: Quasi, 2002, p.11.

⁹ MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 125.

Certamente, nós, editores, somos “guardiões” daquilo que lembramos e podemos fazer lembrar nossos projetos editoriais. Por esse motivo, “não desperdicemos o pouco tempo que nos resta. Percorramos de novo nosso caminho. As recordações virão ao nosso auxílio”. Contudo, “as recordações não aflorarão se não formos procurá-las nos recantos mais distantes da memória. O relembrar é uma atividade mental, cujo exercício frequente é desgastante e embaraçoso. Mas é uma atividade salutar”⁷. No caso da memória do pensamento pedagógico, lembrar não apenas salutar; é absolutamente essencial, para pensarmos o passado, o presente e o futuro do presente da educação brasileira.

Assim, preservar a memória é guardar e estar atento às possibilidades de superação que guardam as memórias dos nossos estudiosos. E, para tanto, é preciso pensar nas memórias, a partir deste lembrete metafórico e concreto: “guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la, por admirá-la, isto é, ou ser por ela iluminado”. Sendo assim, enquanto guardiões da memória, o desafio é guardar uma coisa, como se a vigiássemos, ou seja, “fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é estar acordado por ela, isto é, estar por ela e ser por ela”⁸.

Com efeito, essa edição traz para o debate o dossiê intitulado “Pensamento Pedagógico da Região Sul: biografias, autobiografias, legados e contributos para a educação brasileira”. Os objetivos principais são: a) recuperar as memórias dos pensadores da educação da Região Sul - biografias, autobiografias, legados e contributos de intelectuais, visando destacar as repercussões de suas obras para as práticas educativas, científicas, políticas e sociais da região e para a produção acadêmica brasileira; b) inaugurar uma seção permanente na revista para veicular as biografias e autobiografias dos diversos intelectuais da educação brasileira. Basicamente, o intuito é trazer para a reflexão as produções dos intelectuais da Região Sul, tanto das universidades, quanto dos movimentos sociais e outras instituições universitárias públicas, privadas, comunitárias e confessionais.

Os critérios para a publicação das memórias levaram em consideração a produção de estudiosos ou “pessoas significativas”⁹ para a comunidade acadêmica, isto é, aquelas portadoras de referências precisas em relação às problemáticas pungentes e polêmicas da educação brasileira formal e não-formal. Em outras palavras, trata-se de refletir sobre o “impacto” social e acadêmico da obra desses mestres e mestras; além das perspectivas de superação, cujas obras reverberaram no passado, no presente e indicações para o futuro da educação na Região Sul e no Brasil. No sentido de nortear a construção do dossiê, divulgamos em 2015 na *homepage* da Revista Pedagógica a seguinte ementa: “Biografias e Autobiografias de intelectuais da Região Sul. Trajetórias de formação. Trajetórias na produção do conhecimento. Perspectivas epistemológicas e políticas

da obra dos autores investigados. Relevância acadêmico-social da produção do conhecimento dos intelectuais. A atualidade dos aportes teórico-metodológicos epistemológicos dos intelectuais de ontem e de hoje para as diversas problemáticas da educação”.

Para que a materialização fosse possível, convidamos também alguns pensadores para participar dessa edição, publicada em duas partes: “Biografias e Autobiografias I e II”, com dez textos cada uma. Em linhas gerais, os textos foram produzidos a partir dos próprios intelectuais (“escritas de si”¹⁰) ou por familiares, pesquisadores orientandos ou ex-orientandos dos biografados. O número de biografias e autobiografias revela a significativa relevância dessas publicações regionais e nacionais, principalmente, se levarmos em conta os debates nacionais e internacionais, publicações e eventos realizados pela BIOGraf. Um dos objetivos dessa instituição é “valorizar o exame atento das narrativas (auto) biográficas como portadoras de saberes, práticas e significações no âmbito da criação científica, experiências de vida, invenções artísticas ou do cotidiano em suas diversas temporalidades, espaços, formas de registro e alcance em diversos eixos de reflexão¹¹”.

Uma nota de destaque merece espaço neste editorial, assim como no editorial da edição passada, **sobre** a importância e reconhecimento, atribuída por nós, tanto aos “aos que se foram”, numa espécie de justas (auto) biografias póstumas em reverência e referência ao passado, quanto aos que ainda “viver para contar”; procurando contemplar as memórias dos pensadores que ainda “atuam” na vida acadêmica, produzindo textos, livros, emitindo pareceres, prestando consultorias, ministrando conferências e outras práticas científicas. A nossa concepção e prática inspirou-se em duas obras: Gabriel Garcia Marquez¹² e Paulo Freire¹³. No limiar das metáforas, respectivamente, de Gabriel Garcia Marquez “Viver para contar” e de Paulo Freire “Manifesto à maneira de quem, saindo fica”, forjamos a ideia de que tanto “quem partiu”, quanto “que ficou”, podem deixar legados, impactos e reconhecimento pelo conjunto de suas obras. Essa compreensão do papel das memórias póstumas e dos que vivem, pode ser ancorada nos versos de Mário Quintana: “a vida nutre-se da morte, e não a morte da vida, como julgam os pessimistas. A morte é o aperitivo da vida.... a morte não faz esquecer, mas faz tudo lembrar”¹⁴.

As (auto) biografias publicadas nesta edição trazem consigo memórias individuais, mas com caráter coletivo, pois dizem respeito aos legados coletivos deixados, para se repensar a educação brasileira, a partir da produção do conhecimento realizada na Região Sul. Muitas dessas produções memorialistas possuem repercussão, tanto local, quanto nacional nas cenas acadêmica e política. Nestes termos, as biografias e autobiografias publicadas, convertem-se em “memórias coletivas”, que terminam por ultrapassar a dimensão meramente individual das trajetórias histórias de vida pessoal, tendo em vista a relevância acadêmico-social

¹⁰ SOUZA, Elizeu C; BALASIANO, Ana Luiza G.; OILVEIRA, Anne-Marie M. **Escrita de si, resistência e empoderamento**. Curitiba, PR: CRV, 2014.

¹¹ BIOGraf – Associação Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica. www.biograph.org.br

¹² MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Viver para contar**. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2003.

¹³ FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2006, p. 143. O autor refere-se à sua saída da Secretaria Municipal de Educação, na cidade de São Paulo, no governo de Luíza Erundina, pelo PT, em 1991.

¹⁴ QUINTANA, Mário. **Mário Quintana: para viver com poesia**. Seleção e Organização Mário Vassallo. São Paulo: Globo, 2008, p. 9-10.



¹⁵ HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004. p. 31

¹⁶ HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004. p. 31

que as sustentam. Destacamos essa questão porque as memórias de um indivíduo nunca são propriamente só suas, considerando que as lembranças de suas práticas culturais, históricas e sociais, não podem existir fora da realidade social em que vivem, uma vez que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade¹⁵. Em suma, a memória é uma reconstrução psíquica, histórica e intelectual, que traz consigo as representações seletivas do passado, conforme já mencionado. O passado nunca é construído alheio aos aspectos da vida social e coletiva (memória social e histórica); mas sim, de aspectos, episódios e situações da vida cotidiana individual (memória pessoal), que é construída num dado contexto, historicamente situado, no âmbito pessoal, familiar, institucional, social, local, nacional e internacional. Assim, toda memória é também coletiva¹⁶.

2. DE NOVO, O PASSADO SEMPRE PRESENTE...

Na edição passada, fizemos uma reflexão com base na metáfora de Mário Quintana “o passado não reconhece o seu lugar – está sempre presente”, no intuito de chamar a atenção para duas questões de suma relevância na atualidade. A primeira abordava como destaque a crise ética, política e econômica que perpassa o país na atualidade, situação, para a qual não podemos fechar os olhos. Nesta edição, reiteramos a preocupação - há neste momento histórico, uma visível ameaça à democracia até agora conquistada, contrastando com esse emaranhado de “golpismo”, no âmbito da ética conservadora e, em tempos de perigo de um possível retrocesso à ditadura militar, em tempos de criminalização dos movimentos sociais e dos partidos com alguma orientação à esquerda. Esta edição é veiculada num espaço de luta pela democracia substantiva no Brasil, principalmente, num momento histórico em que a democracia se encontra ameaçada pelo movimento conservador, reacionário, de extrema direita, profascista, comandado pelas elites políticas brasileiras e seus sócios capitalistas internacionais. Nesse momento histórico, marcado pelo conservadorismo da elite “branca” e de ameaça aos princípios republicanos democráticos, o que está em pauta é o chamado “golpe” ao mandato da Presidenta Dilma Rousseff (referendado por mais de 54 milhões de brasileiros, democraticamente, nas urnas), consubstanciado por argumentos forçados, ilegais e inconstitucionais ao seu “impeachment”. Trata-se, portanto, de um imperdoável despeito às regras do Estado Democrático de Direito. É isso que continua a comandar a pauta política, conforme anuncia Marilena Chauí, no seu livro “Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas” (2011)¹⁷. Neste imbróglio, há uma grande dificuldade para se instaurar e se consolidar a instituição de uma democracia substantiva, numa sociedade vertical, oligárquica, conservadora hierarquizada e estruturada na violência estrutural. Esse

¹⁷ CHAUI, Marilena. **Cultura e Democracia**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 11-12.

¹⁸ CHAUÍ, Marilena. **Entrevista á Revista Cult**, no. 209, ano 209, 2016, p. 10.

¹⁹ CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. São Paulo: Cortez, 2011.

²⁰ Ibid.

²¹ CHAUÍ, Marilena. **Apresentação: Os trabalhos da memória**. In: BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 17-33.

²² NUNES, Clarice (Org.). **O passado sempre presente**. São Paulo: Cortez, 1992, p. 7.

conservadorismo, constituído pela mídia burguesa e o Congresso Nacional é reforçada com o reacionarismo da classe média urbana e a presença avassaladora das igrejas evangélicas, que culmina por se expressar politicamente nos grupos das chamadas bancadas do “boi, bala e Bíblia”¹⁸.

De acordo com o que evocamos na referida edição, a situação ética, política e econômica atual, continuam seu curso, evocando lembranças de um passado recente e de suma importância para a área da Educação. Essas questões são fulcrais para a formação ético-política de crianças, jovens e adultos, do ensino fundamental ao ensino superior. Esse tempo em que vivemos de conservadorismo no Congresso Nacional e sua ética na política, precisa ser refletido criticamente, pois, trata-se de um processo, que amalgama, num só projeto, “ódio de classe”, raça/etnia, gênero e outros. Todo esse ódio representa um retorno ao passado e, por conseguinte, que se constitui num risco à democracia conquistada pós-Ditadura Militar de 1964, cuja ameaça se dá, a partir da articulação perversa e violenta entre o autoritarismo dos políticos da elite brasileira e a acumulação capitalista neoliberal¹⁹. Nesses meandros, vigora, sob a égide do neoliberalismo, o encolhimento do espaço público e o alargamento do espaço privado, ou o que ficou conhecido como privatização. Some-se a isso, o processo de encolhimento da democracia, mediado pelo conservadorismo da classe média urbana e pela presença avassaladora do fundamentalismo religioso das igrejas evangélicas, além da imponência dos que se declaram Maçons. O comum entre esses grupos é a defesa enfática da Tradição, Família e Propriedade (TFP), em termos *latos*. Um pouco de conhecimento de História e de História da Educação seria muito esclarecedor sobre o papel e o significado da TFP para a sociedade brasileira. Na verdade, trata-se de uma insólita (mas não casual) articulação do autoritarismo brasileiro com a acumulação capitalista neoliberal, bloqueando a criação da cidadania²⁰.

Essas imagens do presente terminam por evocar o passado, trazendo consigo a necessidade do enfrentamento às práticas de opressão e tortura da ditadura militar e a perseguição aos movimentos sociais e sindicais. Por isso, quando estão em pauta as memórias dos intelectuais da Região Sul, é de suma importância volver ao passado e sua presentificação na definição da ética na política, dando movimento ao processo de construção dos trabalhos da memória²¹. Nesse sentido, “é preciso acertar contas com o passado”, pois, “o passado nunca se entrega a nós, mas nos envia sinais cifrados do seu misterioso desejo de redenção”. Portanto, “cabe a cada geração, na luta silenciosa com e contra outras gerações, desnudar esse desejo, liberar as energias humanas dolorosamente encarceradas no passado e engrossar a corrente da luta contra o perigo constante de ceder à opressão²². Nesses termos, no ponto de vista da memória histórica, é preciso compreendê-la como forma de produzir ciência, cultura e política

3. PARA “GUARDAR” NO RELICÁRIO DE MEMÓRIAS

“[...] a vida como biografia passa a ser vida como biografia. Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existir-se, historicizar-se.”²³

²³ FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 37 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p. 10.

O desafio a que nos propomos nessa segunda edição das (auto) biografias dos educadores da Região Sul, levamos a conhecer um pouco de cada texto que compõe esse caleidoscópio de epistemologias do sul, a partir da práxis educativa de cada um e cada uma, enfim, de seus legados político-pedagógicos, em diálogo com os problemas públicos da realidade educacional. As (auto) biografias são eivadas de trajetórias pessoais, profissionais e acadêmicas, que, por sua vez, remetem-nos às memórias de experiências políticas e científicas e que também anunciam questões oriundas de situações, episódios e eventos permeados de ontologias, epistemologias e ideologias. Nesse relicário de lembranças pode estar as chaves para a interpretação e a problematização de problemas da educação na Região Sul e do Brasil, em geral. Por isso, doravante, torna-se imprescindível recorrer às memórias do passado e do presente desses intelectuais, visando buscar elementos teórico-metodológicos e teórico-práticos, explícitos e implícitos para a definição e a re-definição de projetos político-pedagógicos.

Ao abrir mais um relicário de memórias, deparamo-nos com a sensação de que há vitalidade, vida e movimento no pensamento formulado por esses intelectuais. São pensamentos vivos que “começam assim, vão indo assim, continuam assim, acabam assim”, mas nunca tem fim”, porque contém conhecimento, reflexão, vida! As narrativas que ocupam essas páginas, são repletas de ontologia, epistemologia e ideologia, constituindo-se num conjunto de textos-vidas, palavras sementes²⁴, partilhas que vão além do simples que-fazer pedagógico de cada um e cada uma desses educadores e educadoras, que doaram a vida pela causa da educação, como uma missão a ser cumprida. Estamos tratando do que de melhor produziram em favor do processo formativo de milhares de educandos-acadêmicos que entrelaçaram suas carreiras acadêmicas. De agora por diante, apresentamos cada um deles sem a intenção de esgotar toda a riqueza epistemológica, que cada um deles empresta a esse relicário de memórias. O intuito é não esgotá-los, mas instigar nos leitores e leitoras a vontade de avançar na leitura atenta de cada uma das (auto) biografias descobrir as pegadas deixadas no solo do conhecimento e da vida.

O primeiro texto, de autoria de José Pedro Boufleuer e Ricardo Rezer, com o título “Mario Osório Marques: breve biografia de um pensador da educação” versa sobre sua

²⁴ Palavra semente é um termo utilizado por Brandão (2014, p. 53-66), no jogo das palavras-sementes que “começa assim, vai indo assim, continua assim, acaba assim”, mas nunca tem fim; que visa construir a partir das palavras geradoras de Paulo Freire uma leitura e compreensão de mundo e sua problematização. (Cf. BRANDÃO, C. R. **História do menino que lia o mundo**. São Paulo: Expressão Popular, 2014).

trajetória como “professor e intelectual, sua participação na vida pública como cidadão e líder comunitário e sua produção intelectual”, destacando a importância da vida e obras de Mario Osório para a educação brasileira, em sua atuação na Unijuí.

O segundo artigo consiste num “Memorial do professor Nilton Bueno Fischer” da UFRGS, que nos foi entregue por seus dois filhos: Gustavo Bueno Fischer e Janaína Bueno Fischer. Reúne um conjunto de memórias encontradas nos materiais do professor Fischer após sua morte, sendo um “relato em que lembranças afetivas se entrelaçam a uma sensível visão do professor Nilton sobre o campo da educação e seu potencial transdisciplinar e transformador”.

O texto da sequência, com o título sugestivo de “A ‘inutilidade’ do pensamento em épocas céticas e pragmáticas e o fundamental conhecimento do mundo objetivo: propostas de Maria Célia Marcondes de Moraes para a educação”, escrito por Patrícia Laura Torriglia e Vidalcir Ortigara, trata da trajetória multiuniversitária da professora Maria Célia até sua passagem pela UFSC. O texto expõe as suas ideias principais sobre o “complexo educacional e a conexão deste com a totalidade social”, além de trazer alguns depoimentos dos que com ela conviveram e aprenderam.

O quarto artigo, de autoria de Maria Sílvia Bacila Winkeler, Denise Grein Santos e Marielda Ferreira Pryjma, com o título “Mulher, mãe, professora: Zélia Milléo Pavão e seu legado à educação paranaense” mostra-nos um pouco da trajetória da professora Zélia Pavão da UFPR, sua relação humanizante com os orientandos e o tríplice desafio de se constituir como educadora, mãe e esposa.

No próximo texto temos o título: “Quais os fios que tecem essa trajetória? ‘Parceria... tão óbvia ela é!’ Sobre percursos feitos pela professora Denise Leite”, da UFRGS, de autoria de Maria Elly Herz Genro, Célia Elizabete Carognato e Bernardo Sfredo Miorando. Evidenciam-se os conceitos de “inovação, avaliação participativa, parceria, redesenho capitalista das universidades, imperialismo benevolente e redes de produção de relações/conhecimentos” que de forma articulada formam a teia em que os pesquisadores interpretam a realidade universitária, em suas diversas relações.

O sexto artigo é uma autobiografia de Rosa Maria Bueno Fischer, da UFRGS, e tem como título: “Gestos, fragmentos, atalhos: linhas de força de uma trajetória acadêmica”. Apresentada em forma de memorial, o texto da “ênfase nos momentos de ruptura, o qual permite nos tornar, permanentemente, diferentes do que somos”, com suas linhas de força e comentários sobre as produções acadêmico-científicas nos “campos da arte, da literatura, da comunicação, da filosofia e da educação”.

Adiante, o sétimo texto, é uma biografia de Elli Benincá da UPF e do ITEPA, de autoria de Ivo Dickmann e Selina Maria Dal Moro, com o título que dialoga com toda a produção intelectual e atuação político-pastoral do

Padre Elli: “Pedagogia do senso comum: práxis e resistência”. O texto fala sobre a origem humilde no interior do Rio Grande do Sul até a sua constituição como um dos autores freireanos de referência, tanto na Academia como na prática pastoral via a metodologia histórico evangelizadora, através de relatos dos autores em sua relação com o Padre Elli.

O oitavo artigo, de autoria de Edivaldo José Bortoleto, traz-nos “Ernani Maria Fiori *in Fieri*: o pensador que se faz ou ‘um anônimo peregrino do absoluto’”. O texto visa apresentar o filósofo brasileiro da UFRGS e suas incursões na Ontologia, na História, na Linguagem e na tradição do Pensamento Filosófico Brasileiro e Europeu, demonstrando a “formulação de uma Metafísica da Interioridade e de uma Filosofia da Linguagem com a Educação”.

O penúltimo texto é uma (auto) biografia: “Ireno Antônio Berticelli: trajetória na vida e na academia”. Contempla alguns episódios da vida pessoal e acadêmica do professor Ireno, hoje docente do Mestrado em Educação da UNOCHAPECÓ, num movimento que vai-e-vem, aonde os “sentimentos e as memórias tomem conta da difícil, mas necessária tarefa de falar sobre mim mesmo, das origens familiares, das incursões na vida acadêmica, enfim da construção da vida no passado e do presente.”

O último texto é a (auto) biografia de Sirlei Antoninha Kroth Gaspareto, da UNOCHAPECÓ e militante do Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), falando sobre sua infância no campo, a busca e luta pelos estudos e a constituição do compromisso com os empobrecidos, a passagem pela pastoral da Diocese de Chapecó, até a imersão sócio-pedagógica no MMC, em que foi “aprendendo e repensando práticas pedagógicas e educativas que caracterizam um perfil de militante pesquisadora e pesquisadora militante”, além do empoderamento das mulheres e sua luta por igualdade de gênero.

Queremos ressaltar que, com este editorial, inauguramos a seção permanente “(Auto) biografias do pensamento pedagógico brasileiro” e reiterar uma parte da epígrafe de Norberto Bobbio, apresentada no início deste, ao dizer de forma peremptória, que é relevante fazer diuturnamente os trabalhos de recuperação das lembranças e nós diríamos, do pensamento pedagógico brasileiro: é preciso que conservemos as lembranças, sem deixá-las apagar, pois delas, “somos o único guardião”²⁵. Somos guardiões das memórias desses mestres e mestras, que nos deixam suas “vozes do passado”, do presente e, apontando para uma para a educação no “futuro do presente”. São as ideias desses intelectuais, que devem ser “lembradas” e debatidas nas rodas de conversa, salas de aula, congressos e outros encontros científicos e culturais. Por isso, “eles foram lembrados”²⁶ na edição passada e nesta. Eles tiveram seus nomes lembrados, porque são “pessoas significativas” para a educação; verdadeiras referências para quem estuda o que eles investigam. Eles tiveram seus nomes lembrados porque “a lembrança é em carne viva”²⁷

²⁵ BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.30.

²⁶ BRECHT, Berthold. **Berthold Brecht: Poemas 1013-1956**. São Paulo: Ed 34, 2000.

²⁷ Trecho do conto de Clarice Lispector “Lembrar-se” “Nunca nasci, nunca vivi, mas eu me lembro: a lembrança é em carne viva” In: **Os melhores contos de Clarice Lispector**. Seleção Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Global, 1996, p. 80.

²⁸ Professora do PPGE/Centro de Educação da UFSC.

Nessas páginas, consideramos de suma relevância destacar a concepção e arte que perpassam a capa desta edição. Ela foi produzida com a sensibilidade, o coração, os olhos e o corpo todo da “intelectual bordadeira” Olinda Evangelista²⁸. A capa é uma reprodução fotográfica da técnica de bordado livre, cujo título é “Angico”, produzido em 2015, na cidade de Florianópolis. O bordado foi feito para a concessão da Homenagem Paulo Freire, 2ª edição, às instituições educacionais de reconhecida contribuição para a área. Foi entregue durante sessão especial da 37ª Reunião Nacional da ANPED, em 7 de outubro de 2015. A capa, em homenagem ao grande mestre Paulo Freire, também é uma oportunidade para trazer à baila a dignidade política e pedagógica da memória desse nosso educador maior.

Finalizamos essa segunda edição com algumas palavras de Paulo Freire, mencionadas na última página do seu livro *Pedagogia do Oprimido*: “Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”²⁹. Assim sendo, “revejo nessa hora tudo que aprendi memória não morrerá. Longe, longe, ouço essa voz. Que o tempo não vai levar... (Trecho da música “Sentinela” de Milton Nascimento).

²⁹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 37 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p. 184.

Aos leitores e às leitoras - fazemos um convite para a leitura das memórias do pensamento pedagógico da Região Sul, na esperança de cada um possa ser o seu próprio biógrafo, podendo perguntar-se: Por que meu nome deveria ser lembrado?

Outrora pensei: em tempos distantes
Quando tiverem ruído as casas onde moro
E apodrecido os navios em que viajei
Meu nome ainda será lembrado
Juntamente com outros.
Porque louvei as coisas úteis, o que
no meu tempo era tido como vulgar
Porque combati as religiões
Porque lutei contra a opressão ou
Por um outro motivo.
Porque fui a favor dos homens e tudo
Coloquei em suas mãos, honrando-os assim
Porque escrevi versos e enriqueci a língua
Porque ensinei o comportamento prático ou
Por qualquer outro motivo.
Por isso achei que meu nome ainda seria
Lembrado, em uma pedra
Estaria meu nome, retirado dos livros
Seria impresso nos novos livros.
Mas hoje
Concordo em que seja esquecido
Por que
Perguntariam pelo padeiro, havendo pão suficiente?
Por que
Seria louvada a neve que já derreteu

Havendo outras neves para cair?
Por que
Deveria haver um passado, havendo
Um futuro?
Por que
Deveria meu nome ser lembrado?
Por que deveria meu nome ser lembrado?

(Bertolt Brecht)³⁰

³⁰ BRECHT, Berthold. **Berthold Brecht:**
Poemas 1013-1956. São Paulo: Edições
34, 2000.

Os editores

Prof. Dr. Maurício Roberto da Silva
Editor Geral

Prof. Dr. Ivo Dickmann
Editor Adjunto

Profa. Dra. Maria de Lourdes Bernartt
Editora Associada